

A TRAJETÓRIA DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO GAÚCHA: 1980-92

Jorge da Silva Accurso*
Maria Conceição Schettert*

O objetivo deste artigo é mostrar o comportamento da indústria de transformação no Estado para o período compreendido entre 1980 e 1992, tendo por base a revisão recente das estimativas do Produto do Rio Grande do Sul, a qual incorporou as informações dos últimos censos econômicos publicados.¹

Na primeira seção, serão feitas algumas considerações sobre as taxas de crescimento da economia como um todo, comparativamente ao desempenho da economia nacional. Na seção seguinte, o enfoque da análise recairá sobre o comportamento da indústria de transformação, aberta ao nível dos gêneros industriais, acompanhando a evolução estrutural da mesma e destacando algumas características importantes, tendo por parâmetro comparativo o comportamento da indústria nacional, à qual está atrelada.

Entende-se que a *performance* regional é estreitamente vinculada à trajetória nacional e considera-se a economia gaúcha delimitada pelo espaço político geográfico, conforme os critérios da Contabilidade Nacional, a qual dita as regras para as estimativas que servem de base à análise aqui levada a efeito. Não será discutido neste texto de que forma a economia gaúcha se insere na economia nacional, bem como não será foco de atenção a análise sobre sua dinâmica interna. Para tanto, são importantes as várias interpretações sobre a economia gaúcha, podendo se ter uma síntese em Targa (1989) e Fliegerspan (1992).

1 - O cenário geral

A economia gaúcha apresentou nos anos 80 e no início dos 90 um significativo arrefecimento de seu crescimento se comparado este último com o da década de 70. Neste período, a economia gaúcha expandiu-se a 8,0% a.a., enquanto no período 1980-92 seu crescimento foi de 1,6% a.a. Desse modo, seu PIB, que era US\$ 17,8 bilhões em 1980, atingiu o valor de US\$ 35,1 bilhões em 1992. A renda *per capita* passou de US\$ 2.300 para US\$ 3.828 respectivamente, o que significa um crescimento real modesto de 2,2%.

* Economista da FEE.

¹ No caso, o último Censo Industrial refere-se a 1985, mas está disponível só a partir de 1991.

Esse desempenho acompanhou o da economia nacional, que, entre 1980 e 1992, apresentou um crescimento de 1,2% a.a., também bastante inferior ao da década anterior (8,6% a.a.). Nesse período, o PIB brasileiro, que era de US\$ 230,1 bilhões em 1980, atingiu a cifra de US\$ 434,1 bilhões em 1992. A renda *per capita* nacional evoluiu de US\$ 1.938 em 1980 para US\$ 2.909 em 1992, representando um decréscimo real de 7,9%.

A tendência do crescimento da economia gaúcha, bem como a da nacional, foi marcada por distintos períodos, conforme fica ilustrado na Tabela 1. Nesses 12 anos, ocorreram dois períodos de retração da atividade econômica, sendo que, para a economia gaúcha, a retração foi de menor magnitude. No período 1983-87, caracterizado pela retomada do crescimento, a economia sulina obteve uma expansão de menor intensidade que a do País. Desse modo, a economia gaúcha manteve uma participação média de 7,8% na economia nacional.

Tabela 1

Taxas médias de crescimento do PIB total e da indústria de transformação do Brasil e do Rio Grande do Sul — 1980-1992

PERÍODOS	PIB TOTAL		INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO		(%)
	Brasil	RS	Brasil	RS	
	1980-83	-2,5	-0,9	-5,6	
1980-87	6,1	4,6	6,5	5,5	
1987-92	-0,2	0,7	-3,1	-2,8	
1980-92	1,2	1,6	-0,6	-0,4	

FORNTE: FEE/NCR.
IBGE.

2 - A indústria de transformação

A indústria de transformação gaúcha, responsável por 30,6% do PIB, apresentou um modesto crescimento no período 1980-92. Ao longo desses 12 anos, a atividade manufatureira apresentou um crescimento médio de -0,4% a.a., taxa esta bem inferior àquela observada nos 10 anos anteriores (9,6% a.a.). O setor industrial, sendo o dinamizador de toda a atividade econômica e tendo peso significativo na estrutura produtiva total — o que contribui de forma expressiva para a formação da taxa global —, apresentou, conseqüentemente, tendência de evolução semelhante à da economia como um todo. Chama atenção o fato de que a indústria de transformação gaúcha acompanhou a tendência nacional, mas tendo um decréscimo médio menor nos períodos de retração e também um crescimento médio menor no período de expansão.

Observando-se o setor ao nível dos gêneros industriais, confrontam-se as estruturas produtivas² brasileira e regional, de modo a se destacarem algumas similitudes e diferenças, conforme é ilustrado na Tabela 2. Primeiramente, constata-se que os quatro gêneros de maior importância relativa para o Brasil são os mesmos para a estrutura produtiva industrial gaúcha, à exceção do gênero vestuário e calçados, que tem peso significativo na estrutura regional, não correspondendo em importância no rank nacional. Observa-se, também, que, a despeito de pequenas alterações de ganhos e de perdas de posição relativa, os mesmos gêneros se mantêm em destaque ao longo do período, podendo-se depreender daí que o perfil industrial do País e da região não se alterou significativamente.

Tabela 2

Estrutura da indústria de transformação, por gêneros selecionados, no Brasil e no Rio Grande do Sul — 1980, 1985 e 1992

GÊNEROS	Estrutura da indústria de transformação, por gêneros selecionados, no Brasil e no Rio Grande do Sul — 1980, 1985 e 1992 (%)					
	1980		1985		1992	
	BR	RS	BR	RS	BR	RS
Minerais não-metálicos	7,10	3,61	5,24	2,42	5,68	2,88
Metalúrgica	14,55	11,08	14,92	10,54	14,70	11,00
Mecânica	12,73	11,55	11,24	13,73	8,60	11,86
Material elétrico e de comunicações	8,73	3,82	9,24	3,85	9,54	3,66
Material de transporte	9,34	4,96	7,85	3,90	7,06	3,89
Papel e papelão	3,46	2,47	3,58	2,74	4,41	3,07
Borracha	1,58	1,57	2,25	2,84	2,56	2,94
Química	18,22	17,08	21,16	15,45	21,72	12,65
Perfumaria, sabões e velas	1,18	0,68	1,09	0,54	1,56	0,61
Vestuário e calçados	5,94	13,84	6,32	16,61	3,74	13,05
Produtos alimentares	14,52	22,56	14,67	19,82	16,96	23,05
Bebidas	1,70	3,74	1,52	3,22	2,37	4,04
Fumo	0,94	3,04	0,93	4,33	1,09	7,29
TOTAL	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

FONTE: CENSO INDUSTRIAL 1980: Rio Grande do Sul (1984). Rio de Janeiro: IBGE.
CENSO INDUSTRIAL 1985: Região Sul (1990). Rio de Janeiro: IBGE.
FEE/NCR.

² Salienta-se que, para efeito de comparação, não foram considerados todos os gêneros industriais, conforme são listados pelos Censos de 1980 e 1985. Optou-se por uma estrutura fechada e reduzida, de modo a permitir a extrapolação dos valores para 1992 através dos índices de produção física industrial (IBGE-IPF), cujo acompanhamento para a indústria sul-rio-grandense contempla apenas os gêneros arrolados na Tabela 2. Entende-se que essa restrição não prejudica os propósitos da análise.

Apesar das semelhanças na distribuição das estruturas produtivas, é importante ressaltar que a indústria gaúcha não é uma reprodução reduzida da nacional. Com base em alguns estudos sobre a indústria sul-rio-grandense (FEE, 1976; FEE, 1983), nota-se que a atividade manufatureira local se integra à nacional complementando-a em alguns segmentos, e, ao mesmo tempo, essa complementaridade reflete sua capacidade de competir com vantagem em relação às demais regiões do País. Naturalmente, essa articulação de complementaridade e de competitividade da indústria estadual está sujeita aos estímulos e às restrições gerais da economia brasileira, especialmente aos da política econômica.

Além da demanda nacional, deve ser destacada a importância do mercado externo como propulsor do crescimento da atividade industrial local. Com efeito, as exportações industriais representaram, em média, 22% do produto do setor e participaram em cerca de 60% do total exportado, conforme apresentado na Tabela 3.

Por último, vale destacar uma especificidade importante da indústria do Estado: o seu estreito vínculo com o setor agrícola, que se traduz na denominada agroindústria. Com efeito, procurou-se dimensionar a participação relativa da agroindústria a partir das informações dos dados censitários disponíveis e do valor agregado da indústria de transformação. Caracterizou-se como agroindústria, ainda que de forma genérica, aqueles gêneros e ramos industriais que processam produtos agrícolas; ou aqueles que fornecem insumos para o setor; ou, ainda, aqueles que são dinamizados pela demanda do setor. A Tabela 4 demonstra a significativa participação (44,47%) da agroindústria no valor agregado total da indústria de transformação no Estado. Chama-se atenção para o fato de que essa estimativa tem um caráter bem preliminar, uma vez que, dada a restrição disponibilidade de informações, houve a necessidade de formulação de hipóteses simplificadoras, que, entretanto, possibilitaram os resultados, os quais são uma primeira aproximação do peso relativo da agroindústria no parque fabril do Rio Grande do Sul.

Tabela 3

Coeficientes de exportações da indústria do Rio Grande do Sul — 1980-92

ANOS	$\frac{\text{EXPORTAÇÕES INDUSTRIAIS}}{\text{EXPORTAÇÕES TOTAIS}}$	$\frac{\text{EXPORTAÇÕES INDUSTRIAIS}}{\text{PIB INDUSTRIAL}}$	$\frac{\text{EXPORTAÇÕES TOTAIS}}{\text{PIB TOTAL}}$
1980	48,4	18,9	11,6
1981	42,5	23,1	14,7
1982	44,9	16,4	11,1
1983	51,1	21,3	12,6
1984	63,0	25,2	12,7
1985	63,5	21,3	10,8
1986	66,9	16,8	8,4
1987	65,0	20,9	10,1
1988	65,9	24,1	12,0
1989	62,2	23,2	11,7
1990	62,5	21,2	10,8
1991	68,6	22,9	10,2
1992	65,0	26,6	12,5

Tabela 4

Distribuição estrutural da agroindústria no Rio Grande do Sul — 1985

GÊNEROS E RAMOS	PARTICIPAÇÃO NO VALOR AGREGADO (VA) DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO (%)
Minerais não-metálicos	
Fabricação de cal	0,04
Mecânica	
Fabricação de máquinas, aparelhos e material para agricultura, avicultura, etc.	3,32
Fabricação e montagem de tratores, de máqui- nas e de aparelhos de terraplenagem	0,99
Madeira	1,56
Mobiliário	
Móveis de madeira, vime e junco	1,88
Papel e papelão	
Fabricação de celulose, de pasta mecânica e de polpa de madeira	0,64
Couros e peles	3,16
Química	
Óleos vegetais	5,46
Fertilizantes	4,36
Produtos alimentares	16,80
Bebidas	
Vinho	1,10
Aguardente	0,31
Cerveja	0,82
Fumo	4,03
VA da agroindústria	44,47
VA dos demais setores	55,53
VA da indústria de transformação	100,00

FONTE: CENSO INDUSTRIAL 1980: Rio Grande do Sul (1984). Rio de Janeiro: IBGE.
 CENSO INDUSTRIAL 1985: Região Sul (1990). Rio de Janeiro: IBGE.
 FEE/NCR.

Desse modo, se considerado o tamanho relativo da agroindústria sobre a participação da indústria de transformação na produção total gaúcha (32,14%) e, ainda, se considerado o expressivo peso de participação da agropecuária (15,34%) na economia estadual, 29,6% do PIB total é gerado a partir dessas atividades³, ou seja, encontra nesse vínculo dinâmico agricultura-indústria e no próprio setor agrícola dois importantes fatores propulsores do seu crescimento.

³ Na verdade, uma parcela maior da economia vincula-se a essas atividades, já que parte do setor serviços também reflete esse desempenho. Contudo, como é de difícil mensuração, não se está contabilizando essa parcela, ainda que os autores reconheçam sua existência.

Bibliografia

CENSO INDUSTRIAL 1980: Rio Grande do Sul (1984). Rio de Janeiro: IBGE.

CENSO INDUSTRIAL 1985: Região Sul (1990). Rio de Janeiro: IBGE.

FLIGENSPAN, Flávio B. (1992). Uma revisão das interpretações sobre o crescimento da indústria gaúcha. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v.13, n.2.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA (1976). **Análise da indústria de transformação do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre. (25 Anos de Economia Gaúcha, 4)

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA (1983). **A produção gaúcha na economia nacional: uma análise da concorrência intercapitalista**. Porto Alegre.

TARGA, Luiz R. P. (1989). Comentário sobre "paradigmas" da economia gaúcha. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v.10, n.2.